

21 Projectos do Século 21

Reflexos da Arquitectura Portuguesa na década actual

José Manuel Fernandes

Arquitecto, Professor Associado Agregado
jmfernandesarq@yahoo.com

A exposição a que e referem os textos seguintes (constantes do respectivo catálogo), de carácter bilingue, apoiada pela Ordem dos Arquitectos, esteve patente na Faculdade de Arquitectura da U.T.L. durante o mês de Maio de 2009, como parte de uma itinerância que, desde a Expo Saragoça 2008, passou por Mérida (Palácio de Congressos) e Madrid (Colégio de Arquitectos de Madrid), tendo seguido para o Museu de Angra do Heroísmo, e devendo concluir o périplo de 2009 no Porto (com o apoio da Ordem dos Arquitectos-Secção Regional Norte) e em Barcelona (com o Politécnico da Catalunha). Tendo gerado debates, aulas e uma conferência, julga-se apropriado apresentar agora no quadro da Artitextos os conteúdos fundamentais da mostra (objectivos, critérios de selecção, comentários às obras exibidas).

(J.M.F.)

Introdução

O tema desta exposição nasceu de um texto do autor para o “Expresso”, elaborado no âmbito da Trienal de Arquitectura de Lisboa, em 2007, onde se referia uma selecção de 21 obras de arquitectura portuguesa do Século XXI.

O desafio, lançado pela Parque Expo no âmbito da participação portuguesa na Expo Internacional Saragoça 2008 (tema: “**ÁGUA E SUSTENTABILIDADE**”), de preparar uma exposição a partir deste mote, era atraente: por um lado desafiar e ultrapassar a dimensão “jornalística” do ponto de partida; por outro, manter a clareza e o carácter popular de uma escolha simples, genérica e ampla – fugindo à “cilada” da exposição assente na linguagem excessivamente técnica dos projectos de arquitectura (plantas, cortes, alçados, etc), entendida com pouco adequada ao público dominante de uma mostra internacional com dimensão global.

A opção foi para uma exposição assente nos 3 instrumentos mais sensíveis e mediáticos da comunicação da arquitectura: a **fotografia** (a partir de um “olhar de autor”, unificador e coerente, pela fotógrafa Ana Janeiro); o **desenho** (por via de um documento fornecido por cada autor dos 21 projectos, fosse esquisso, desenho técnico, perspectiva); e, finalmente, pelo recurso às **maquetas** das diversas obras. Apenas das maquetas não foi possível exibir a sua totalidade, contando porém, com o evoluir da itinerância, poder completar o conjunto. Sobre estes elementos do plano sensível, um **texto** (ou melhor, uma sequência de 21 pequenos textos-legendas), também ele unificador e abrindo pistas de leitura, elaborado pelo organizador da selecção das 21 obras.

Deste modo, na exposição e seu catálogo, cada projecto-obra (todas de clara leitura, porque já edificadas, ou em finalização) está apresentado por uma imagem fotográfica (por um único autor), por um desenho (pelos vários autores), e por um texto de leitura e interpretação (pelo comissário da mostra).

Em síntese, o objectivo da mostra pode resumir-se aos seguintes tópicos: apresentação genérica e atraente de vários espaços e **geografias nacionais**; valorização de um potencial turismo cultural que passa necessariamente pela chamada “**cultura dos arquitectos**” e da arquitectura contemporânea. Finalmente, um **ensaio de percepção**, no plano sensorial, de cada um dos 21 espaços propostos – sem pretensão de se pretender dar a compreender a totalidade da matéria arquitectural, mas quiçá inalando o desejo de o poder vir a fazer...

Para uma exposição com estes objectivos, a selecção teve de obedecer a critérios múltiplos, que por um lado pesavam os aspectos do rigor e da exigência, por outro não podiam esquecer a essencial multiplicidade de experiências a incluir. Em síntese telegráfica, foram eles, os chamados “7 fios condutores”:

- Diversidade geracional e de autores (jovens e antigos autores)
- Contrastes de linguagem (no actual vasto “naípe” da arquitectura)
- Amplitude regional (de norte a sul, cidades e campo, ilhas)
- Riqueza tipológica (do desenho urbano aos objectos singelos)
- Sentido de integração paisagística (natural/construída, urbana/rural)
- A relação com a dimensão ecológica (sustentabilidade/terra/água)
- Qualidade, originalidade, e inovação (no espaço, nas tecnologias)

Esperemos com esta mostra atingir os nossos objectivos: atrair, dar a ver e ler, motivar para conhecer melhor.



Fig.1 Exposição na Faculdade de Arquitectura, Maio 2009

Textos de comentário por cada obra exibida

1. Adega Mayor, em Campo Maior, Alentejo: luz, paisagem, sensibilidade

Campo Maior, terra fronteiriça do Alentejo, cerca de Badajoz, possui um carácter vincado de singela povoação branca, luminosa, com pormenores que já nos evocam a vizinha Extremadura: balcões de sacada com elementos em ferro ao modo hispânico, os vãos térreos gradeados, até as suaves persianas dependuradas, soltas, docemente “derramadas” sobre a guarda das varandas – como em Portugal se usou há menos de um século atrás, e hoje se perdeu por completo.

Para os arredores rurais da vila de Campo Maior, Álvaro Siza Vieira projectou e construiu em 2005-2007 uma nova adega, no quadro de instalação vinhateira de envergadura.

Trata-se de um conseguido exemplo de edificação em serena consonância com a paisagem: num branco imaculado, com uma geometria de ‘caixa desconstruída’, a Adega Mayor impressiona de longe, suavemente pousada sobre os campos da vinha; resplandece na aproximação, com o seu corpo forte bem assente num embasamento de simples tijolo caiado; e seduz na proximidade, qualquer que seja o ângulo, o enquadramento, o local por onde entramos.

Em volumetria, uma “cabeça” geométrica, com pala e remate, salienta-se definindo os acessos e a entrada principal, sombreando e acolhendo. Por dentro, sentimos o luxo de Serralves (nos materiais e nos pormenores) - aqui generosamente aplicado ao espaço utilitário. Na sequência da fachada, mais baixo, um longo corpo horizontal prolonga o edifício até aos vizinhos chaparros - definindo-lhe os espaços internos, salas vastas e de tectos altos da produção industrializada. Revestido com terra e um **ESPELHO DE ÁGUA**, o vasto terraço da cobertura devolve o edifício ao seu entorno, vegetal e mineral.

2. A intimista Biblioteca Municipal de Tavira

Tavira é talvez, das cidades do Algarve, a que mais manteve os valores urbanos e tradicionais da região, resistindo dentro do possível ao “rolo compressor” do Turismo de massas, e à “síndrome de subúrbio” que envolve hoje tantas pequenas cidades. O seu forte carácter arquitectónico e paisagístico, com os graciosos *telhados de tesouro* coroando as casas, a imaginosa ponte velha, e sobretudo o brilho potente das construções reflectidas no ria Arade, é sem dúvida um dos responsáveis.

Cidade com consciência cívica e capacidade de intervenção prática, tem vindo a regenerar inúmeros espaços e edifícios valiosos, desde o mercado velho a conventos e solares.

No quadro da reabilitação urbana de Tavira, João Luís Carrilho da Graça elaborou o projecto da nova Biblioteca Municipal da cidade (de 1999-2001, obra em 2002-2005). O projecto “recuperou” a construção existente da antiga Cadeia Civil da cidade, uma antiga edificação revivalista em gosto castrense, com ameias - entendendo-a como uma ruína, como fragmentos de pedra, fachadas abertas e trespassadas.

À sua roda erigiu um edifício-pátio, sobretudo térreo, que desenvolve as sucessivas funções de biblioteca e centro de documentação (gabinets, sala de conferências, estantes e salas de leitura) de um modo sequencial e claro. No interior das “ruínas”, os pisos de pedra, escadas, plataformas e **ESPELHOS DE ÁGUA**, amenizam e rememoram um tempo passado – servindo ao mesmo tempo como espaço exterior, de descompressão dos silêncios deste tipo de função.

Dois planos verticais brancos, muito leves e luminosos, “rasgam” um sereno átrio de entrada, virado à rua, o que valoriza a fachada pomposa da antiga cadeia, em pano de fundo.

3. Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, suspensa sobre o rio

O dominante sentido “aquático” da cidade de Viana do Castelo é patente de forma clara e sensível, desde longe até adentro do seu tecido urbano: a implantação a sul, sob o alto monte protector, deslizado suavemente para o rio, e tendo o mar do outro lado; a presença da longa e elegante ponte metálica de Eiffel, engenhosamente pensada para carros e comboios; e a recta e característica “avenida da estação”, aberta à longa plataforma meridional, ribeirinha e ajardinada.

Sobre este suporte de espaços públicos por excelência, a cidade tem construído inúmeros equipamentos e atracções, desde a marina ao barco-museu “Gil Eanes”.

Para o núcleo da faixa **MARGINAL-FLUVIAL** de Viana concebeu-se uma série de obras por Fernando Távora, Souto de Moura e Álvaro Siza Vieira. A este ficou cometida a obra da Biblioteca Municipal, inaugurada em 2007 e implantada de forma elegante, leve e luminosa sobre a plataforma do rio.

Desenhado como um edifício-pátio, constitui porém uma forma muito especial desta tipologia, pois corresponde a um corpo sobrelevado, quadrangular (43 x 43 m), vazado no meio (20 x 20 x), apoiado apenas num dos lados em volume térreo - aberto portanto, por baixo, a toda a sua volta. Os dois grandes “pilares-esculturas” que o suportam, garantindo a visibilidade do passeante para o rio, a ponte e a costa, assentam em singelos espelhos de água que evocam a proximidade ribeirinha.

Simple e luminoso, no seu betão branco imaculado, com vista rasgada para a frente rio, o edifício transmite-nos uma impressão de leveza que os arejados ambientes interiores prolongam de modo quase “natural”.

4. Biblioteca Municipal de Vila Real : etérea e branca

A cidade de Vila Real, implantada na agreste e montanhosa área de transição para Trás-Os-Montes - o bravio interior nordeste português - transmite-nos uma impressão de força granítica, de dureza volumétrica, num quadro de intenso cruzamento entre a procurada urbanidade e uma inevitável e envolvente rusticidade.

Na margem sul do Corgo, passada a ponte metálica para o histórico comboio, depois da estação e seu bairro circundante, entramos num área de periferia urbana, entre ruínas de antigas fabricas e vistosas moradias contemporâneas de expressão popular.

Foi num quadro de rarefacção urbana, na periferia do bairro envolvente à estação ferroviária, que se ergueu a nova Biblioteca Municipal “Dr. Júlio Teixeira”, um projecto por António Belém Lima (Arquitectos Pioledo), inaugurada em 10/2006. A composição volumétrica deste pequeno edifício isolado, que procura ser criador de um novo pólo de atracção cívica e gerador de alguma urbanidade, decorre dos arquétipos modernistas, com dois corpos dominantes fazendo um “L” entre si, e encimados no seu ponto de articulação por um elemento torreado, prismático, identificador.

Áparte desta dimensão moderna mais convencional, um passadiço “caixa de madeira”, pragmático e oblíquo, colocado lateralmente, no lado interno do “L”, resolve de modo eficaz e orgânico, (um “braço”, algo “misterioso”, **QUASE NÁUTICO**), o acesso em rampa ao interior. O interior, luminoso e branco, com um tratamento visual extremamente coeso e homogéneo, relaciona-nos suavemente com o revestimento total, a pedra clara, do exterior.

5 - Casa(s) em Casa Queimada, Tavira: cubos brancos, água no deserto

O território a norte da cidade de Tavira, na passagem para a chamada Serra Algarvia, assume por vezes uma aridez impressionante, quase invocando a ideia do deserto. No sítio da Casa Queimada, as colinas e elevações de vegetação rarefeita, configuram esta realidade, prenunciadora, embora em pequena escala, de uma paisagem quase africana e sahariana.

A sensibilização para esta paisagem de algum modo desumanizada, agreste, foi levada a cabo na obra de uma habitação dupla (duas casas isoladas, gémeas e fronteiras) para o artista plástico Pedro Cabrita Reis.

Esta obra, projecto de Ricardo Bak Gordon em 2003-2006, é constituída por volumes de uma grande pureza de desenho e com imanente sentido cubista (isto é, recusando o regionalismo das formas, mas aceitando a sua natural expressão geométrica), onde a casa instaura uma ordem inovadora, na medida em que se define, ao invés, como duas casas, isoladas entre si / próximas entre si / vizinhas entre si - afinal irmãs, e paralelas, no seu sistema formal e espacial.

Em cada uma, a sala térrea, ampla, rectangular, é o embasamento de todo o volume superior; três quartos e três terraços, rectângulos também, são as três “coisas”, existentes e privatizadas / isoladas entre si, que sucedem no piso de cima. Apenas os vãos, disciplinados por um sistema de “pele metálica deslizante”, se oferecem como pormenor rico e laborioso.

No prolongamento do terraço térreo de cada casa, uma piscina refresca, limpa e humaniza. **O DESERTO E A ÁGUA** confluem assim, nesta singela mas expressiva construção de um Lugar do Homem.

6. “A Casa das Mudanças”, Centro de Artes da Calheta, ilha da Madeira

A ilha da Madeira possui um relevo recortado e abrupto, apresentando falésias de monumental dimensão, a pique sobre o oceano.

Uma delas, na costa sul, no lugar da Calheta, continha, no seu ponto mais alto, na curva da estrada, a antiga Casa das Mudanças, construção vernácula característica, de ampla vista aberta sobre o mar, assente num elevado promontório, em silhueta panorâmica sobre as alcandoradas encostas vizinhas.

Foi esta situação privilegiada que Paulo David soube entender como base “telúrica” para a edificação de um novo Centro de Artes (com concurso em 2001, e construção em 2003-2004). Entre a casa, **O PENHASCO E O MAR**, escavou todos os espaços necessários ao programa, “roubando-os” à própria montanha. O conjunto do Centro de Artes instaurou-se deste modo, para baixo do plano térreo da antiga casa existente, aberto na terra, virado ao mar - preservando de modo assumido e radical toda a dimensão livre da paisagem.

Acedemos ao edifício descendo a escadaria exterior, lançada a partir do promontório, e ingressando num sistema de pátios e estreitos caminhos entre paredes – qual labirinto de pedra – entrando de seguida nos vários espaços internos de salas de exposição, auditórios, e serviços. Sempre e sempre presentes, por súbitos rasgos verticais, as vistas esplendorosas do precipício.

7. O urbano Centro de Artes de Sines

Sines é um celebrado porto marítimo de origem medievá, na costa do Alentejo, onde nasceu Vasco da Gama. Povoação alcandorada sobre a agreste praia atlântica, sofreu uma transformação intensa da sua paisagem mercê da implantação de um pólo portuário e industrial nos anos 1970. O tecido urbano coeso do pequeno centro histórico, erigido a partir do castelo e do porto, foi descaracterizado, parcialmente demolido, fragmentado.

Foi a necessidade de reforçar a coesão perdida, de voltar a significar os valores urbanos da rua tradicional e do quarteirão edificado em pedra e protegido do sol, que a dupla de autores, Manuel Aires Mateus e Francisco Aires Mateus, bem entendeu, ao edificar o Centro de Artes em 2001-2005. O edifício, encimado por esplanada sobre o **OCEANO** azul, define-se como um conjunto de aparentes fragmentos, uma série de corpos prismáticos em pedra e mármore, paralelos entre si e separados por ruas e pátios. Cada um serve para as diferentes funções



Fig.2 Centro de Artes de Sines

do programa, desde exposições, espectáculos e biblioteca, a espaços de acolhimento. Abaixo da linha dos arruamentos, porém, um vasto espaço de cave, bem iluminada por sistemas zenitais, liga, unifica e articula o todo.

Esta pequena “cidade de pedra”, a um tempo luminosa e sombreada, assume de propósito uma grande neutralidade e simplicidade, e pode deste modo afrontar o “teatro de horrores” da envolvente – má arquitectura recente, restos decadentes do vernáculo urbano, etc.

Fachadas e pavimentos das ruas são executados no mesmo material pétreo, fortalecendo o ponto cenográfico culminante: a estreita rua que separa os dois corpos principais, com vidros de montras contínuos no plano térreo, e onde, qual *passerelle* de desfile de moda, os peões descobrem os temas anunciados, e a expressão reflexa do seu próprio corpo.

8. Centro de Coordenação e Controlo de Tráfego Marítimo do Porto de Lisboa (“Torre APL”): o horizonte dinâmico

A área litoral do Porto de Lisboa, na sua passagem do município alfacinha para o de Oeiras, em Algés, gera um espaço de transição, com a inflexão da linha de costa, e a gradual predominância de espaços naturais sobre os artificiais.

A nova torre de controlo marítimo, olhando a um tempo a barra do Tejo e o seu amplo estuário, localiza-se nesse ponto fulcral de “mudança de paisagem”, definindo-se, como programa e como vontade, em escala grandiosa. As referências aos monumentos historicamente anteriores, na mesma “linha de água e margem”, como a Torre de Belém (1515) e o Padrão dos Descobrimentos (1940) fazem dela um terceiro e especial momento, geográfico e temporal.

O edifício, projecto de Gonçalo Byrne em 1997-2001, considera de modo eficaz e intenso as várias significações inerentes: o objecto de macro-escala, isolado numa vasta dimensão paisagística, de **HORIZONTE AQUÁTICO** sem fim; o conceito de monumentalidade e de verticalidade, consagrados na História, *versus* a ideia de dinamismo e a correspondente expressão oblíqua, próprias da modernidade; finalmente, o tema da perenidade ou do desejo de eternidade das matérias construídas, em contraste com a efemeridade das técnicas e expressões do High-Tech.

A obra resolve claramente os três desafios: pela simplicidade forte como implanta um corpo solto e nítido, liso e trapezoidal; pela inteligente articulação interna, dos espaços expressamente verticais (a caixa de escadas), com as sucessivas áreas de trabalho e de gabinetes, que vão povoando e dinamizando o volume oblíquo externamente aparente; finalmente, pela consideração do invólucro de base pétrea, e o seguinte desenvolvimento metálico, parte compacto e maciço, parte translúcido e vítreo.

9. A “Interpretação da Gruta”, no Pico, Ilha dos Açores

No meio do Atlântico Norte ergue-se uma formidável montanha com mais de 2.000 metros de altitude, uma montanha-ilha, com um nítido pico, cujas vertentes descem contínua e suavemente para o mar, a toda a sua roda.

Formação ígnea, basáltica, feita de pedra negra, a ilha do Pico não é porém maciça: o seu interior está perfurado por canais e cavidades, espaços ocultos resultantes dos percursos caprichosos da lava que depois arrefeceu e solidificou, e onde a água constante concebe sedimentos. Uma dessas formações é a Gruta das Torres, no concelho da Madalena, situada na subida para o cume.

O Centro de Interpretação da Gruta das Torres, por Inês Vieira da Silva e Miguel Vieira, de 2003-2005, é a entrada, informativa, para o longo subterrâneo da gruta lávica, agora **GOTEJANTE E ESTALACTÍTICA**.

Espaço curvo, de desenho simples, com átrio e espaços de apoio, o seu “segredo” está no dispositivo da parede poente, construída com a pedra negra da ilha, mas utilizando uma técnica de “rendilhado” – as pedras espaçadas entre si deixando espaços – num sistema delicado que filtra a luz segundo contornos irregulares.

São contornos que, projectados no pavimento, quando o sol poente “abre”, significam, de modo impressionante, toda a dimensão telúrica, vulcânica, pétrea desta ilha inconfundível. O desenho geral da estrutura, de expressão horizontal e integrada, a cor neutra das paredes exteriores, de betão, reforçam a opção arquitectónica.

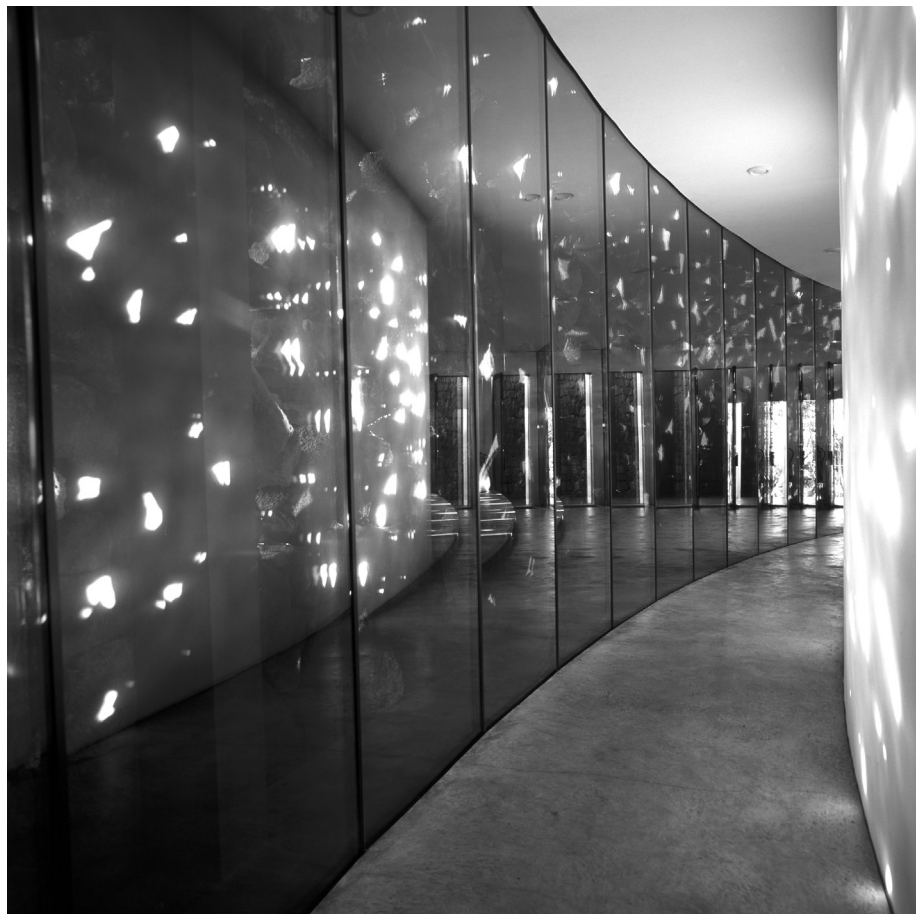


Fig.3 Gruta das Torres no Pico

10. Centro de Interpretação de Santa Clara a Velha, Coimbra: um “Memorial da Água”

A igreja e claustro de Santa Clara a Velha constituem uma preciosa estrutura existente na margem sul do Mondego, frente ao núcleo mais antigo da vetusta e primeira Cidade Universitária portuguesa.

O conjunto, gótico, finalizou-se em 1330, e foi finalmente abandonado em 1677, depois de uma luta secular e inglória contra as periódicas inundações que o alagavam.

Depois de escavações arqueológicas levadas a cabo nos anos 1990 terem descoberto o claustro antes enterrado, foi implantado um muro de contenção das águas exteriores, de salvaguarda, no quadro de um projecto global.

A recuperação da igreja e claustro de Santa Clara a Velha inclui a edificação de um Centro de Interpretação, projecto por Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, iniciado em 2001 e em conclusão em 2008.

O novo volume edificado lança o olhar sobre o espaço do lindíssimo claustro gótico, como que **“RENASCIDO DAS ÁGUAS”** pela acção arqueológica. Nele se descobriu um mundo de artefactos e temas, que o novo edifício se encarregará de preservar, exhibir, manter.

Volume discreto, horizontal, elegante, utilizando o betão branco como estrutura e acabamento, também ele se sobreleva em relação ao terreno húmido, assente nos *pilotis* que a arquitectura moderna consagrou – os pilares cilíndricos, alinhados, que separam a construção do terreno. E dele partimos, por passadiços em madeira, para a descoberta do claustro.

Virada a norte, a longilínea fachada, rectangular e de grande simplicidade no desenho, moldura uma superfície inteiramente em vidro, cuja transparência assegura a leveza e a luz do conjunto – sem deixar de nos proteger eficazmente dos feios e pesados prédios de habitação abusivamente erigidos do lado oposto.

11. Conjunto habitacional em Viana do Castelo: luz e interioridade

Viana do Castelo, na foz do rio Lima, no Minho, é uma das cidades portuguesas mais preciosas e equilibradas, enquanto herança urbanística de base medieval, enriquecida e acrescentada no seu tecido, pelos notáveis contributos clássicos, modernos e contemporâneos: as vistosas casas manuelinas, a original e escultórica fachada da Misericórdia, o santuário-morro de Santa Luzia, o portentoso hospital dos anos 1960, por Chorão Ramalho.

No coração desta delicada estrutura, porém, o chamado “Prédio Coutinho” (uma única torre de 13 pisos) criou uma dissonância estética e ambiental, excrescência que actualmente se procura implodir, fazendo regressar Viana à sua proporção serena da pequena e humanizada escala.

Foi a delicada e equilibrada malha urbana do centro de Viana do Castelo que os arquitectos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez bem entenderam, na concepção do novo conjunto habitacional, ocupando um dos quarteirões mais centrais da cidade (projecto de 2001-2002, obra em 2002-2005). Os edifícios defrontam, de modo ideológico e deliberado, quer pela sua escala serena de quatro pisos, quer pela tipologia escolhida com claro sentido comunitário, o incómodo vizinho: o altíssimo, famigerado e desajustado “Prédio Coutinho”.

O desenho quase neutro e linear das fachadas urbanas (com pedra, betão, persianas); a valorização dos espaços interiorizados que propiciam a convivialidade (centrados num largo pátio ajardinado, envolvido por galerias, cuja luminosidade é ampliada pelas vibração do revestimento a azulejos); e o diálogo com os valores externos mais marcantes, como a **TOALHA DO RIO**, ou o do Monte de Santa Luzia (visível por meio de galerias suspensas sobre as aberturas para as colinas dos arredores) – fazem deste singelo mas eficaz conjunto residencial um exemplo, tipológico, espacial e formal, para o futuro da cidade.

12. Conservatório Regional de Música de Vila Real: incrustação branca na urbe pétrea

Vila Real do Trás-Os-Montes, típica cidade de montanha, é também uma urbe com um centro administrativo e cívico muito coeso e expressivo, em termos de espaço, estruturado ao longo de um eixo–alameda, orientado de norte a sul, sobre um alongado morro.

Entre o Palácio da Justiça e os Correios, a norte, que uma arquitectura de “Estilo Nacional” endureceu, e a Câmara e o Liceu, no extremo meridional, situava-se a velha igreja medieva da Sé, acrescentada e alterada por sucessivas transformações epocais.

Na sua envolvente implantou-se o programa do Conservatório, numa perspectiva de recuperação arquitectónica e de modernização formal e funcional.

O novo Conservatório Regional de Música, implantado no coração funcional, cívico e histórico da cidade, constitui um projecto por António Belém Lima (Arquitectos Pioledo), iniciado em 2001, inaugurado em 2004.

As diferentes qualidades e cambiantes do espaço foram bem entendidas na intervenção: a fachada urbana, de feição histórica, abrindo para a alameda central por um arco em pedra, oculta a expressão inovadora e imaginativa dos espaços de auditórios, as salas de ensaio e de estudo dos instrumentos.

Estas constituem o essencial do corpo novo, paralelo ao da nave da igreja medieva, mas dela apartado pela própria definição da entrada.

É um volume “vertical”, prismático, branco, embasado em granito, rasgado por uma longa marcação de luz vertical no átrio (que atravessa todos os pisos), e por uma longa linha horizontal de transparência, térrea, que abre o olhar sobre a montanha fronteira. Há aqui uma “**ÁGUA ANTIGA**” encerrada em fundo poço subterrâneo. Este corpo, rematado a poente por uma grelha pétrea, sabe intimizar-nos e relancear à volta, a um tempo.

13. Engenharia Civil, Universidade de Aveiro: edifício “experimental”

Aveiro, cidade da Ria, no litoral português central, com os seus característicos canais e rossio de origens medievais, apresentou no último quarto de século a mais qualificada instalação de um pólo universitário, no quadro das novas universidades nacionais.

Uma praça e um eixo, fundadores, organizam a sequência de edificações, pertencentes a cada Departamento, de diversas autorias e expressões arquitectónicas – corpos prismáticos e simples, paralelos entre si, articulados por uma recta galeria pedonal coberta - que se valorizam na medida da sua boa integração no conjunto.

É no quadro deste sistema que destacamos a recente obra do Departamento de Engenharia Civil, por Joaquim Morais Oliveira, com projecto de 2000, e obra em 2002-2004. O edifício assume-se como uma construção-espço experimental, em que os próprios materiais e tecnologias utilizados significam e dão carácter ao tema departamental da engenharia.

Por um lado, o seu invólucro ou “pele” externa, ou exhibe os materiais da construção industrial tradicional da região (o tijolo burro, a grelha cerâmica translúcida como forma parietal), ou opta pela expressividade do aço e do vidro, súbitamente em fachada *high-tech*.

Por outro lado, no interior, os sistemas de estrutura e pavimentos (aço, betão) convivem com um piso intermédio recuado, suspenso desde o terceiro nível por cabos metálicos pré-esforçados, sinal aparente das possibilidades do cálculo. Todo este aparato é executado com contenção e simplicidade de desenho, o que só reforça a eficácia da opção estética, inscrita correctamente na sequência deste campus único, aberto sobre a portentosa **RIA**.

14. Escola de Música de Benfica, Lisboa: cristalino, como água para o subúrbio...

A área de Benfica, um extenso bairro no sector noroeste da cidade de Lisboa, constitui um subúrbio histórico, desenvolvido na primeira metade do século XX, com um predomínio de prédios de habitação colectiva em altura, repetitivos, sem qualidade e sem graça, com seus pátios e traseiras alinhados e arregimentados. No alto de uma colina sobranceira à via férrea, várias instalações de ensino souberam dotar o sítio de uma marca cultural edificada, sequencial, com o Magistério (anos 1910-20), o Liceu (anos 1970-80), a Escola de Comunicação Social (dos anos 1990).



Fig.4 Escola Superior de Música de Benfica

João Luís Carrilho da Graça edificou agora a mais recente peça deste puzzle – a Escola Superior de Música, concebida desde há uma década e completada em 2008. O edifício da Escola de Música assume deliberadamente uma dimensão de macro-escala, em controlada tensão - por um lado na relação com o imenso e monótono subúrbio, por outro, na (discreta) continuidade e diálogo com os anteriores espaços escolares da vizinhança.

Constitui-se num corpo unitário, aparentemente compacto: um vasto prisma, de dimensão dominante horizontal, com a base negra; o envolvente piso intermédio recuado, de tom amarelo e pilares “incertos”; e, finalmente, um elegantíssimo volume superior, branco e luminoso, a um tempo leve e forte, cuja cimalha vai, em linha oblíqua, subindo até ao remate superior – significando, com clareza funcional e expressiva, a série “musical” de compartimentos que cobre, salas interiores cada vez maiores, de ensaio musical, desde o sopro à percussão... Um amplo “pátio-terra” e um orgânico “auditório-madeira” completam intensamente o conjunto, cristalino e musical, **COMO ÁGUA** para o subúrbio”.

15. Escola Superior de Tecnologia do Barreiro: nascida da terra

O Barreiro evoca-nos, como núcleo urbano ribeirinho implantado a sul de Lisboa, um forte passado industrial (conteve o maior espaço fabril da área da capital portuguesa, a CUF, que perfaz agora 100 anos) – passado onde a ideia de técnica e de engenharia estão muito presentes.

Tendo assistido a uma intensa expansão suburbana, com vastas áreas residenciais novas, povoadas por prédios, dentro da tipologia característica da Área Metropolitana de Lisboa, o Barreiro procura agora uma reabilitação e requalificação urbanas, sendo uma das suas frentes a das novas estruturas universitário-politécnicas.

Foi no quadro do Instituto Politécnico de Setúbal que se edificou no Barreiro a Escola Superior de Tecnologia, segundo o projecto vencedor de concurso, pela ARX Portugal, dos arquitectos Nuno Mateus e José Mateus, elaborado e construído em 2001-2008.

Num amplo e paisagístico espaço arborizado (mas excessivamente “cercado” por urbanizações recentes), os autores souberam implantar o conjunto, afastando-o o mais possível das construções envolventes. Concentrada, envolvida por **AQUÁTICAS** valas e tanques de drenagem, a área edificada soube organizar-se num ritmo denso mas rico, de volumes e de circuitos rigorosamente paralelos e perpendiculares, que emergem da terra, que mergulham, ou que “flutuam” sobre a suave encosta. São como sulcos, rampas e corpos em diálogo, escondendo os prédios feios.

Dominam as proporções de sentido vertical, alongadas, os estreitos prismas e paralelepípedos, exibindo fachadas brancas (rasgadas pelas finas linhas das caixilharias de ferro e aço), topejando nas paredes externas em betão negro – uma “arquitectura de contrastes”. Dissonante, mas forte e expressivo, o volume oblíquo do auditório emerge do terreno, sobrepõe-se aos corpos térreos, alcançando a altura de um desafio à regra construída.

16. Estádio Municipal de Braga, um novo “barroco de paisagem”

Braga, como a mais importante das cidades do Minho, a área extremo-nordeste fundadora do país na Idade Média, herdou a tradição romanizadora da Bracara Augusta, a força medieval do seu traçado “circular”, e a monumentalidade renascentista das igrejas e conventos, do tempo de D. Diogo de Sousa – a que soube juntar a vibração barroca dos santuários e escadórios da envolvente, e o brilho dos azulejos de fachadas domésticas de Oitocentos. Quando pensamos no Estádio Municipal de Braga, vemos todos estes temas compreendidos e reinventados.

A monumental obra do Estádio Municipal de Braga, por Eduardo Souto de Moura (projecto de 2000, obra em 2002-2003), exprime e afirma-se, com total clareza, numa macro-escala, com a força granítica das encostas naturais aparentes em pano de fundo; emerge no barroquismo dinâmico e vertiginoso das estruturas-bancadas em betão; e, em síntese, confirma a possibilidade de introduzir modernidade, em cada tempo, na relação com um tecido urbano secular e consolidado.

A dimensão telúrica do sítio foi totalmente captada pelo autor, transformada e renascida como betão aparente, em linhas zigzagueantes, exprimindo construtivamente a “obra em altura”, e na oblíqua, o que de facto uma vasta bancada de estádio representa.

O convencional programa desportivo, subvertido, é, a um tempo, ponto de partida e de chegada: sem recusar a definição de recinto de jogos como edifício-estádio, articulando polifuncionalidades sob o plano do campo rectangular, suprime os seus topos, transformando-o num vasto espaço “cortado” (com as espectaculares caleiras-super-esculturas **RECEBENDO A ÁGUA** pluvial da cobertura) - aberto à paisagem e a um modo diferente de entender o desporto e o seu espectáculo.

17. O luminoso e marítimo Farol Museu de Santa Marta, em Cascais

Cascais possui um ponto notável pela sua dimensão paisagística e arquitectónica: trata-se do conjunto sequencial, costeiro, onde se destacam O Farol de Santa Marta, a casa de Santa Maria (por Raul Lino), a “casa minhota” do Conde de Arnoso e a mole romântico-revivalista do Museu de Castro Guimarães. As casas são obras dos anos 1900, entre a evocação histórica e a procura da “Casa Portuguesa”; o farol, assente na plataforma da bateria e baluarte militar, significa e simboliza toda a longa história da defesa e protecção marítima da vasta costa atlântica de Portugal.

Foi a partir do legado, a um tempo simbólico, histórico, patrimonial, e paisagístico, de Cascais, que os autores Manuel Aires Mateus e Francisco Aires Mateus conceberam o “Farol Museu de Santa Marta”, obra inaugurada em 2007. O conjunto, de esplêndida implantação na **ORLA MARÍTIMA** costeira, debruada por rochas, resulta de uma luminosidade quase ofuscante, onde o branco do azulejo de revestimento exterior, e da cal, amplia a dimensão do “corpo técnico” do farol.

Os autores restauraram a parte da arquitectura defensiva e faroleira, onde se situa o núcleo museológico (os 4 edifícios pré-existent), mas aumentaram-lhe a expressão abstracta, substituindo telhas por coberturas luminosas, cerâmicas. Na sequência da plataforma, introduziram, de um modo discreto mas estruturante, a série de espaços de apoio complementar essenciais ao funcionamento do todo: recepção, cafetaria e sanitários, utilizadas habilmente, não só como “definição de fronteira” com a envolvente, mas como peças de um puzzle quase escultórico, cuja dimensão poética não se recusa.

18. Instalação turística na Lagoa das Furnas, São Miguel

A ilha de São Miguel, principal do arquipélago dos Açores, tem como um dos seus valores mais fortes a presença de águas naturais no seu território, quer por meio de nascentes quentes, quer por via das amplas e paisagísticas lagoas, no interior de várias caldeiras vulcânicas.

A Lagoa das Furnas é um desses espaços de água calma e verde, envolvida pela brumosa encosta que define as paredes do “vulcão” que a envolve.

O espaço envolvente da Lagoa, em terra plana e granulosa, densa e castanha, com áreas arborizadas, e um pequeno espelho de água, recebeu o empreendimento “Furnas Lake Villas”, por Fernando Monteiro e Luís Almeida e Sousa, em 2003-2004.

Alternativa ao vulgar aldeamento turístico, é constituído essencialmente por uma série de pequenos pavilhões alinhados, construídos em estrutura metálica e completamente revestidos com a leve e delicada madeira local, a criptoméria japónica, aparente na sua cor natural.

São pequenos apartamentos, de forma prismática simples, erigidos sobre estacas (e assim sobrelevados do terreno húmido), dotados com um átrio de acesso, e interiormente constituem a “habitação mínima que os arquitectos do Movimento Moderno dos anos 1920 propugnavam.

Rampeados também em madeira articulam cada uma das várias construções com o espaço central interno, um “green” que nos relembra a **SEMPRE HÚMIDA** e brumosa atmosfera açórica das “Ilhas Altântidas”.

19. Requalificação da Zona Envolvente da Abadia de Santa Maria de Alcobaça, Estremadura

O Mosteiro de Alcobaça, monumental obra do gótico cisterciense em Portugal (Património Mundial da UNESCO), representa uma vasta estrutura edificada em relação com apurados sistemas de exploração agrícola e com o complexo hídrico da ampla área envolvente. Ao mesmo tempo, o edifício insere-se no centro urbano de Alcobaça, do qual é o elemento polarizador por excelência.

O entendimento, como conjunto de elementos interligados, destes vários “territórios” planeados – monumental, agrário, hídrico e urbano, foi essencial para a boa consecução da obra de requalificação da zona envolvente da Abadia.

A recuperação deste conjunto monumental foi concebida por Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, em 2002-2006.

O projecto e obra assentam em três pressupostos espaciais, potenciados no resultado final: a valorização da vasta área verde ligada ao complexo religioso, existente na lateral do Mosteiro (por sua vez imbricada nas duas linhas de água do Alcoa e do Baça); a valorização plástica do enorme terreiro público frontal à fachada e corpo principal do monumento (com aplicação de materiais de revestimento orgânicos, pedra e terra); e o controlo apertado do sistema rodoviário e pedonal, existente na envolvente, com a sua reformulação em “distanciamento”, por minimização da área automóvel e aumento da pedonal, através do uso de materiais tradicionais (com pavimentação em calçada e lajes de pedra).

No amplo Terreiro, o sistema de escoamento da **ÁGUA PLUVIAL**, mediante uma rede de caleiras aparentes, paralelas entre si, fazendo parte da malha expressiva do pavimento, em conjugação com o tom terroso ocre do piso, significam e simbolizam todo o espírito do projecto.

20. Restaurante do Parque da Cidade de Beja, Alentejo: água e betão

Beja constitui a cidade do Alentejo meridional mais importante e significativa da região. A antiga *Pax Julia* mantém a coesão urbanística e a sedimentação dos seus tecidos históricos, como pequena urbe onde a Idade Média não apagou o traçado claro do antigo Fórum Romano (na Praça da República), e onde o Renascimento não deixou de erguer uma obra poderosa – a *loggia* da Igreja da Misericórdia. Foi no quadro deste conjunto, na sua periferia imediata, que se ergueu o novo Parque da Cidade, como uma extensa área verde para aprazimento e lazer da população da cidade (sobretudo durante a crítica e inclemente canícula).

No Parque da Cidade de Beja, pelo paisagista Luís Cabral, João Santa Rita concebeu de um pequeno pavilhão servindo como restaurante de parque (projecto 2002-2003, obra 2003-2005).

Edifício-Cascata, a construção tira partido da sua relação com o vasto espelho de água, elemento central do parque, constituindo-se como um suporte da singela **QUEDA DE ÁGUA**, que, a partir da sua cobertura plana, cai sobre o lago artificial – constituindo ao mesmo tempo o alpendre, refrescante e sonoro, que protege o acesso ao interior do edifício.

A estrutura da construção, muito elementar, define um corpo de um piso, em betão aparente, apoiado em pilares que se soltam do envidraçado que define a fachada do lado da água. Uma escadaria dá acesso à cobertura, enquanto do lado oposto, o volume do edifício se embebe na área técnica, compacta, do sistema de bombagem. Caixas de iluminação zenital, salientes da cobertura, dinamizam o conjunto, que participa da regeneração e oxigenação da água do parque.

21. “Teatro Azul” de Almada, na região de Lisboa

Situada na margem sul do rio Tejo, a cidade de Almada foi durante décadas um subúrbio de Lisboa, que nos últimos trinta anos se procurou qualificar, recuperar, humanizar.

A dotação de equipamentos culturais, com bom programa e inovadoras arquitecturas, é uma das vertentes desse processo, no qual a construção de um grande teatro municipal (com um dos mais amplos palcos do país), bem no coração da urbe, constitui uma peça significativa: o expressivo e grandioso edifício conhecido com “Teatro Azul”.

A obra do “Teatro Azul”, por Manuel Graça Dias e Egas José Vieira (com Gonçalo Afonso Dias), iniciou-se em 1998 e inaugurou em 2005. A obra extensa destes autores coloca-os num plano de heterodoxia em relação à arquitectura “de autor”, quer pela permanente irreverência e humor da sua linguagem, quer pela pesquisa formal intensamente “diferente”.

O “Teatro Azul” representa bem este universo criativo singular, com recurso as formas “cénicas” que a história moderna consagrou. Os exteriores evocam o expressionista Scharoun da Filarmónica de Berlim, ou o Steiner do Auditório Goethe de Basileia: perfis e silhuetas curvilíneas, ascendentes, geometrias irregulares e “rudes”, composição tectónica dos volumes – que a planta quase orgânica e “animal” suporta.

Impõem-se a sábia articulação com a envolvente (dialogando com os becos e ruelas do subúrbio), a valorização de elementos secundários (a torre do elevador traseira, ponto culminante da silhueta), a esplêndida sala “vermelha”, a definição de uma fachada mediática, e o radical revestimento externo a cerâmica de um intenso e luminoso azul, qual rilhante reverberação do **ESTUÁRIO** do Tejo, visível de toda a cidade.

Bibliografia

Arquitectura Portuguesa Recente / do Mar, das Pedras, da Cidade / Contemporary Portuguese Architecture / Sea, Stone and Space (catálogo de exposição, coord. José Manuel Fernandes): Gabinete das Relações Internacionais / Ministério da Cultura, Lisboa, 1998

BAK Gordon: Librus, Publicações Técnicas, Lisboa, 2005 (textos por Pedro Cabrita Reis, Frederico Tranfa, Ricardo Carvalho)

Farol Museu de Santa Marta / Francisco e Manuel Aires Mateus: Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2007

Gonçalo Byrne / *Geografias Vivas / Living Geographies* (catálogo de exposição, coord. Gonçalo Byrne): Ordem dos Arquitectos e Caleidoscópio, Lisboa, 2005

Habitar Portugal 2003/2005 (catálogo de exposição, coord. João Afonso e Ana Vaz Milheiro): Ordem dos Arquitectos / Selecção Mapei, Lisboa, 2006

Mosteiro de Santa Clara a Velha de Coimbra / Guia - IPPAR, 2004

Prémio SECIL Arquitectura 2004 (catálogo de exposição): Ordem dos Arquitectos e SECIL, Lisboa, 2004

Projecto de Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha – Direcção Regional de Cultura de Coimbra (policopiado por Artur Corte Real)

Universidade de Aveiro / Trinta Anos de Arquitectura / University of Aveiro / Thirty Years of Architecture: White and Blue, Lisboa, 2004

Vazios Urbanos / Urban Voids (catálogo de exposição, coord. Ana David): Trienal de Arquitectura de Lisboa / Lisbon Architecture Triennale e caleidoscópio, Lisboa, 2007

Viver as Cidades / Programa Polis (catálogo de exposição, coord. Parque Expo e Programa Polis): Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional, Lisboa, 2007 (4 volumes)